

SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA: ANÁLISE DOS ÍNDICES DE LUCRATIVIDADE E RENTABILIDADE DE BANCOS COM DIFERENTES NÍVEIS DE ENGAJAMENTO SUSTENTÁVEL

CORPORATE SUSTAINABILITY: ANALYSIS OF PROFITABILITY AND PROFITABILITY INDEX OF BANKS WITH DIFFERENT LEVELS OF SUSTAINABLE ENGAGEMENT

ROMANO, F. M.¹, ROMANO, A. L.²

¹ Economista (UNESP). ² Docente (IMMES).

Resumo: A sustentabilidade tem sido tratada como uma das mais importantes temáticas do século XXI, sobretudo num contexto de acelerada expansão do ritmo de produção mundial desde o final do século passado. A busca pelo progresso parece algo intrínseco ao ser humano e esse anseio em prosperar tem se desenvolvido acentuadamente desde o século XVIII, com as revoluções técnicas e científicas. O objetivo desse trabalho, é além de oferecer uma revisão da teoria a respeito do tema da sustentabilidade mostrando a evolução da temática e apresentar conceitos fundamentais, contribuir de maneira prática para o estudo do assunto com uma análise de indicadores de lucratividade e rentabilidade de bancos que diferem na questão do engajamento com a sustentabilidade, buscando verificar se existe significativa diferença nos resultados desses índices que possa estar atrelada à esse maior ou menor engajamento sustentável. Os resultados obtidos mostram não haver nenhuma evidência de que um maior comprometimento com práticas sustentáveis corresponde diretamente a um resultado melhor nos indicadores analisado.

Palavra-chave: Sustentabilidade. Sustentabilidade corporativa. Índices de rentabilidade e lucratividade. Desempenho corporativo.

Abstract: Sustainability has been treated as one of the most important themes of the 21st century, especially in a context of accelerated expansion of the pace of world production since the end of the last century. The quest for progress seems to be something intrinsic to human beings, and this yearning to prosper has developed sharply since the 18th century, with the technical and scientific revolutions. *The objective of this work is, in addition to offering a review of the theory on the subject of sustainability, showing the evolution of the subject and presenting fundamental concepts, to contribute in a practical way to the study of the subject with an analysis of indicators of profitability and profitability of banks that differ on the issue of engagement with sustainability, seeking to verify whether there is a significant difference in the results of these indices that may be linked to this greater or lesser sustainable engagement. The results obtained show that there is no evidence that a greater commitment to sustainable practices directly corresponds to a better result in the analyzed indicators.*

Keywords: sustainability. Corporate sustainability. Profitability and profitability indices. Corporate performance.

1. INTRODUÇÃO

A temática da sustentabilidade aparece como uma das mais importantes do século XXI em um contexto de acelerada expansão do ritmo de produção mundial desde o final do século passado (ROMANO, 2010). A busca incessante pelo progresso parece ser algo intrínseco ao ser humano e esse anseio em prosperar atinge seu máximo no século XVIII, com as revoluções técnicas e científicas. Desde o aperfeiçoamento das máquinas a vapor, passando pela utilização do aço, energia elétrica, combustíveis derivados do petróleo, produtos químicos, invenção do motor à combustão até o uso da tecnologia da informática, robótica para automação e inúmeras outras, o ser humano se desenvolveu e preconizou avanços que causaram rupturas importantes num espaço de tempo relativamente curto, na que ficou conhecida como era do conhecimento.

Os avanços levaram a um crescimento da produção mundial e avanços promovidos pelo homem gerando diversos benefícios para a sociedade, desde uma ampliação na gama de produtos para atender maior parte da população do planeta, e no desenvolvimento da ciência que, por exemplo, por meio da evolução da medicina aumenta a expectativa e qualidade de vida dos indivíduos. No entanto, existem ônus, e a atual conjuntura e organização da economia global somadas a um acelerado ritmo de expansão têm potencializado problemas de âmbito social e ambiental, representado em aspectos e impactos como, aumento da poluição no planeta, degradação do meio ambiente, esgotamento de recursos, aprofundamento das desigualdades sociais dentre outros.

Portanto, atender à crescente demanda mundial que caracteriza a era do consumo em massa de maneira menos lesiva possível ao meio comum é a principal noção do desenvolvimento sustentável. As empresas possuem um papel fundamental e têm a oportunidade de funcionarem como o motor do desenvolvimento sustentável. No entanto, os retornos às empresas que se engajam nesse sentido são incertos e intangíveis de maneira geral. Com isso em mente, se buscou analisar de maneira comparativa os índices de lucratividade e rentabilidade de empresas do setor bancário que diferem no que diz respeito ao engajamento com práticas sustentáveis.

Dessa forma é possível compreender se empresas mais sustentáveis apresentam resultados necessariamente melhores do que as menos sustentáveis.

2. REVISÃO DA LITERATURA

O termo “desenvolvimento sustentável” foi usado pela primeira vez no documento intitulado “Nosso Futuro Comum” (*Our Common Future*) do Relatório de Brundtland, publicado em 1987 e elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento que denotava insustentáveis os padrões de produção e de consumo em vigência naquele momento e propunha uma reflexão sobre a finitude dos recursos disponíveis em consonância com o crescimento econômico. Esse documento aborda a questão social voltado para as carências das pessoas de maior vulnerabilidade, e a questão dos limites naturais e como as ambições de crescimento econômico podem ser conflitantes com as necessidades das gerações futuras (ROMANO, 2010).

Bellen (2005) pontua que a formulação sobre sustentabilidade surge por conta de um processo histórico de maturidade da consciência humana frente ao dilema existente entre o acelerado ritmo de crescimento e as complicações que causavam. O conceito de Triple Bottom Line cunhado por Elkington (1997) se refere a integração dos três pilares do desenvolvimento sustentável: econômico, social e ambiental. Cada um desses elementos é uma engrenagem no objetivo de promover o Desenvolvimento Sustentável, portanto, devem não somente coexistir, mas funcionar juntos para haver equilíbrio. O funcionamento, ou não funcionamento, de qualquer um deles pode comprometer a fluidez de todo o sistema.

No meio empresarial, a visão antes dos anos 1970 era de que os ônus da produção eram parte do processo de acumulação e crescimento. Friedman (1970) apontou que a principal função das empresas era de gerar lucro aos acionistas, não tendo que se preocupar com os possíveis prejuízos derivados do seu processo. O que, até então, predominava no meio corporativo era o que Hart (2006) intitulou de princípio de “pegar, usar e descartar”, que começou a encontrar resistência devido ao surgimento dos mecanismos de controle e regulação e a mudança cultural que vinha se desenhando baseada na compreensão empresarial.

A partir disso, o empresariado que pensava exclusivamente nos resultados, deixando as falhas para serem detectadas e corrigidas posteriormente começam a dar um enfoque maior nos processos e em como evitar ou reduzir essas falhas, sendo o setor de controle de qualidade fundamental nessa evolução, além de que as preocupações socioambientais poderiam ser perfeitamente incorporadas a esse gerenciamento.

Hart (2006) nomeia esse momento de “revolução de qualidade”, uma vez está se mostra de suma importância para a produção mais eficiente, com menos desperdícios e custos mais baixos a qual a indústria Ocidental foi induzida pelo crescimento da indústria japonesa.

Dessa maneira, as questões socioambientais foram ganhando importância dentro do meio corporativo, sendo tratadas de maneira mais genuína e adequada, apoiadas na revolução de qualidade que o contexto estimulou. Isso evoluiu para a surgimento da percepção de que os desempenhos corporativos econômico-financeiros e as pautas socioambientais não tinham de ser antagônicas ou excludentes, mas pelo contrário, poderiam trilhar caminhos semelhantes e focar nos mesmos objetivos.

3. MÉTODO DE PESQUISA

A análise desse trabalho tem como objetivo comparar os resultados financeiros de empresas do setor bancário que possuem diferentes graus de comprometimento com a sustentabilidade por meio de seus indicadores de rentabilidade e lucratividade de 2014 a 2019. Dessa forma, é esperado que se possa reunir melhores condições para atrelar um melhor quadro nos indicadores de rentabilidade e lucratividade à um maior engajamento em questões da sustentabilidade ou não. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi adaptada e inspirada na mesma utilizada por Rufino et al (2014), que também se utilizou dos indicadores de rentabilidade e lucratividade do setor financeiro para a comparação de grupos de bancos que diferem na questão do engajamento com a sustentabilidade.

Essa análise se qualifica como sendo descritiva e exploratória, em que segundo Gil (2009) o principal objetivo da pesquisa descritiva se trata de descrever aspectos presentes em um certo conjunto de elementos ou um fenômeno, traçando paralelos e comparando variáveis. Enquanto o estudo de natureza exploratória se caracteriza por uma maior flexibilidade na construção e investigação de hipóteses para, dessa forma, buscar o entendimento mais claro possível a respeito dos fenômenos que compõem o objeto de estudo.

Os métodos utilizados são tanto quantitativos, quanto qualitativos. Quantitativo no que diz respeito ao levantamento e tratamento dos dados através da utilização de métodos estatísticos, possibilitando a comparação e investigação dos resultados. Richardson et al (1999) atribui a importância do método de análise quantitativo à maior precisão dos resultados que este proporciona, evitando possíveis distorções, dificultando a arbitrariedade e possibilitando uma

maior assertividade às inferências.

O caráter qualitativo do estudo está na análise e entendimento da natureza principalmente dos indicadores que derivam dos dados levantados. Não há exclusão entre os métodos quantitativos e qualitativos, segundo Goode e Hatt (1973) apud Richardson et al (1999), é uma falsa dicotomia pensar a pesquisa com uma clara separação entre os dois métodos uma vez que “não importa o quão precisas sejam as medidas, o que é medido continua a ser uma qualidade”.

O universo dessa pesquisa são empresas do setor financeiro- bancos, mais precisamente bancos comerciais e que estiveram listados na durante todo o período na bolsa de valores oficial do Brasil, a B3. A B3 surgiu em 2017 como resultado da fusão entre a Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo (BM&FBOVESPA) e a Central de Custódia e de Liquidação Financeira de Títulos (CETIP).

Quanto à escolha dos bancos, optou-se por escolher, dentre os maiores bancos do país em tamanho do ativo total, aqueles que atendessem critérios para a formação de três grupos para comparação.

O primeiro grupo (Grupo 1) de bancos são aqueles que além de estarem na carteira sustentável da B3, o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), também fizeram parte em pelo menos algum dos anos do estudo da lista das empresas mais sustentáveis do mundo (The Global 100 Index). Essa lista das cem empresas mais sustentáveis do mundo é compilada e divulgada anualmente desde 2015 pela revista especializada canadense Corporate Knights e classifica as empresas de acordo com sua performance em itens como redução de desperdícios e de emissão de gases, diversidade no conselho da empresa, produtos sustentáveis e ações sustentáveis de uma maneira geral.

Fazem parte do primeiro grupo os bancos: o Banco do Brasil S.A que entrou na lista em 2016 (75°), 2018 (49°) e 2019 (8°), e o banco Santander Brasil S.A que entrou na lista nos anos de 2017 (70°) e 2018 (76°). Parece aceitável intuir esses como os dois bancos mais consolidados do país na questão da sustentabilidade já que figuraram múltiplas vezes dentre as empresas mais sustentáveis do mundo nos últimos anos.

O segundo grupo (Grupo 2) são de bancos que compuseram o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da B3 durante todo o período do estudo: Bradesco S.A e Itaú Unibanco S.A, ambos fizeram parte da carteira sustentável desde a primeira composição em 2005 (apenas o Unibanco, que antes da fusão com o Itaú em 2008, não fez parte da carteira no ano de 2007).

Esse segundo grupo se trata de uma amostra intermediária e com vital importância ao propósito de comparação desse trabalho. Se trata de bancos que são considerados sustentáveis, mas, contudo, não chegaram a figurar dentre os mais sustentáveis do mundo e, portanto, se presume que possuem um grau de engajamento sustentável menor que os bancos do Grupo 1.

O terceiro grupo (Grupo 3) são bancos que sequer fazem parte, e jamais fizeram, da carteira de investimento sustentável da B3, isso sugere que sejam os bancos que possuem o menor grau de engajamento com a sustentabilidade da amostra. São eles o Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A (Banrisul S.A) e o Banco do Nordeste do Brasil S.A

Os dados de todos os bancos da amostra foram coletados diretamente dos balanços contábeis divulgados trimestralmente na página de resultados e relações com os investidores de cada empresa. Esses dados foram reunidos por meio do Microsoft Excel Office 2010, onde os índices de rentabilidade e lucratividade de cada banco foram gerados por meio das aplicações das fórmulas demonstradas no Quadro 1.

QUADRO 1 - Principais indicadores de rentabilidade e lucratividade para o setor bancário.

Indicador	Fórmula do indicador	Explicação do indicador
Retorno sobre patrimônio líquido	Lucro líquido / patrimônio líquido	Relação entre lucro líquido e o patrimônio líquido, o indicador ajuda entender a rentabilidade da empresa, medindo a capacidade em gerar retorno para os acionistas.
Retorno sobre investimento total	Lucro líquido / ativo total	Relação entre lucro líquido e o ativo total, mostra o retorno do capital total investido. É uma medida da eficiência e da qualidade no gerenciamento dos lucros da empresa.
Margem líquida	Lucro líquido / receita de intermediação financeira	Relação entre lucro líquido e a receita da intermediação financeira, mostra o quanto dessas receitas do exercício sobraram aos acionistas, permitindo avaliar a função básica de intermediação de um banco.
Margem financeira	Resultado bruto de intermediação financeira / ativo total	Relação entre o resultado bruto das intermediações financeiras e o ativo total, indica o quanto para cada R\$ 1,00 do ativo total foi gerado como resultado das intermediações financeiras.
Custo médio de captação	Despesa financeira de captação no mercado / depósitos a prazo	Relação entre despesas para captação de recursos e os depósitos a prazo do banco, indica o custo financeiro do capital investido para a captação de recursos para o banco.
Retorno médio de operações de crédito	Receita financeira de operações de crédito / operações de crédito	Relação entre as receitas com operações de crédito e as operações de crédito, indica o quanto essas operações trazem retorno para o banco.
Lucratividade dos ativos	Receita de intermediação financeira / ativo total	Relação entre as receitas da intermediação financeira e o ativo total, indica quanto do total investido reaparece em forma de receitas financeiras.
Juros passivos	Despesa de intermediação financeira / passivo total	Relação entre as despesas da intermediação financeira e o passivo total, indica o custo das fontes de financiamento do banco.
Spread bancário	Receita de intermediação financeira – despesa de intermediação financeira	Diferença entre receitas e despesas da intermediação financeira, indica o ganho bruto do banco com esse tipo de operação.

Fonte: Adaptado de Rufino et al (2014) com base nos indicadores propostos por Assaf Neto (2010).

Com os índices formados, se utilizou da ferramenta de análise de dados do Microsoft

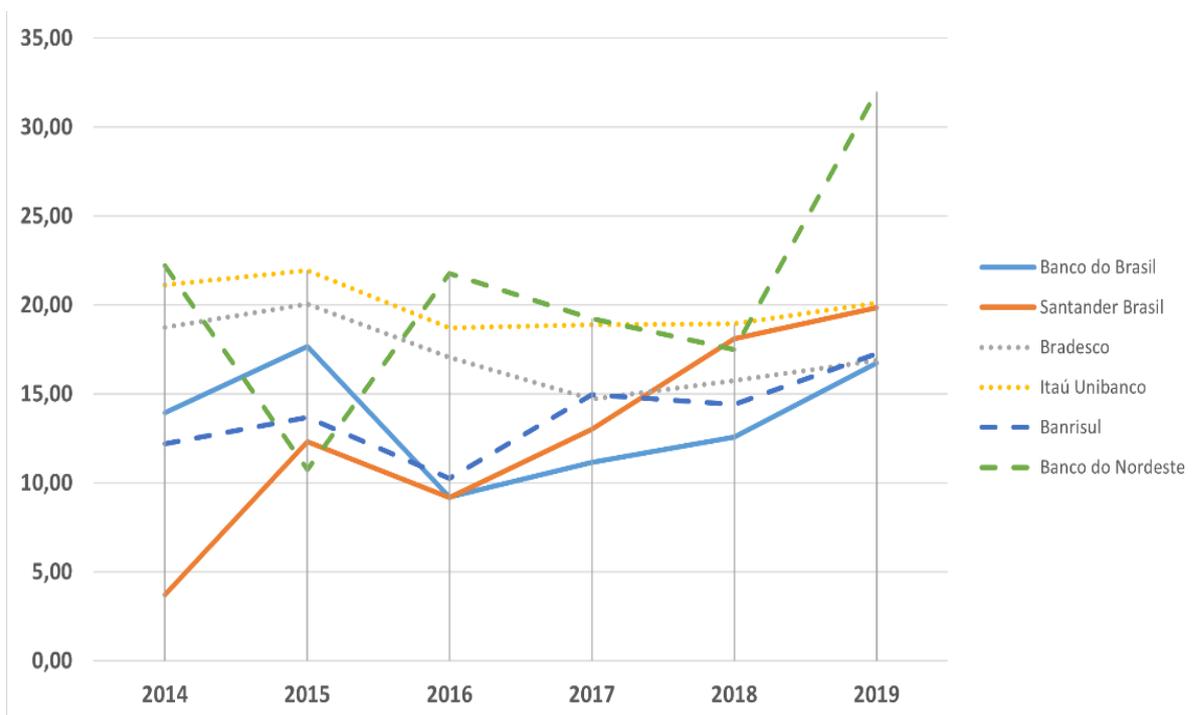
Excel Office 2010 para a análise estatística descritiva que facilita a comparação e entendimento dos índices. A análise dos resultados obtidos será dada índice a índice na próxima seção.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

A análise do Retorno sobre o Patrimônio Líquido aponta oscilações em praticamente todos os bancos da amostra, com variações positivas no período para os bancos do Grupo 1 e Grupo 3, conforme pode ser observado na figura 1.

O Banco do Brasil teve um aumento nesse indicador durante o período de quase 20%, enquanto o Santander apresentou um aumento significativo de 436% (de 3,70 para 19,84) devido à um grande aumento no lucro líquido, de R\$2 milhões em 2014 para R\$14 milhões em 2019. Banrisul e Banco do Nordeste (Grupo 3), registraram aumento no período de 41% e 44% respectivamente.

FIGURA 1 - Retorno Sobre Patrimônio Líquido.



Ambos os bancos do Grupo 2 apresentaram queda: Bradesco quase 10%, e Itaú Unibanco de cerca de 5%. Chama atenção nesse indicador o fato de o Banco do Nordeste ter o valor absoluto mais alto que os demais bancos em quase todo o período, no entanto, com uma

queda brusca em 2015 e uma outra queda significável em 2018. O grande salto que o Banco do Nordeste apresentou nesse indicador em 2019 se dá por conta do aumento de 132% do lucro líquido, de R\$737 mil reais em 2018 para R\$1,73 milhão em 2019.

Na análise do desvio padrão dos indicadores, apresentada na tabela 1, observa-se que os resultados do Grupo 2 foram os mais homogêneos, com desvio padrão de 1,94 para o Bradesco e 1,34 para o Itaú Unibanco. No Grupo 1, Banco do Brasil e Santander tiveram desvio padrão de 3,24 e 5,89 respectivamente. Para os bancos “menos sustentáveis”, o desvio padrão foi de 2,4 para o Banrisul e 6,96 para o Banco do Nordeste. A situação é bem parecida quanto ao Retorno sobre Investimento Total, com oscilações por parte de todos os bancos da amostra e com a variação total no período quase que se repetindo. No Grupo 1, observou-se um aumento de 41% no indicador do Banco do Brasil e 351% do Santander, explicado também pelo grande aumento do lucro líquido no período.

TABELA 1 - Variação no período e desvio padrão do Retorno sobre Patrimônio Líquido.

GRUPO	BANCO	VAR. PERÍODO	DESVIO PADRÃO
GRUPO 1	BANCO DO BRASIL	19,92	3,25
GRUPO 1	SANTANDER	436,76	5,90
GRUPO 2	BRADERSCO	-9,86	1,95
GRUPO 2	ITAÚ UNIBANCO	-4,82	1,34
GRUPO 3	BANRISUL	41,48	2,40
GRUPO 3	BCO DO NORDESTE	44,20	6,96

No Grupo 2, o Bradesco apresentou um pequeno aumento, de cerca de 0,3%, enquanto o Itaú Unibanco apresentou uma queda de 8,7%. Banrisul e Banco do Nordeste obtiveram aumentos de, respectivamente, 42% e 51%, sendo o pico do Banco do Nordeste explicando novamente pelo grande aumento no lucro líquido em 2019. É interessante notar que, assim como no Retorno sobre Patrimônio Líquido, os bancos do Grupo 1 aparecem na parte inferior do gráfico em grande parte do período, indicando não terem resultados melhores do que os demais bancos da amostra que são, teoricamente, menos sustentáveis.

A amostra toda apresenta variação positiva no período na Margem Líquida, indicando em todos os casos um montante crescente de receitas financeiras que sobraram aos acionistas descontadas as despesas e custos do exercício. Os bancos mais sustentáveis, do Grupo 1, apesar de um aumento de quase 70% para o Banco do Brasil, e 415% para o Santander, figuram

novamente do meio para baixo na maior parte do período em comparação aos bancos dos Grupos 2 e 3, indicando que os bancos mais sustentáveis não geraram necessariamente um maior retorno aos acionistas com as operações de intermediação financeira.

Bradesco e Itaú Unibanco, do Grupo 2, apresentaram um crescimento de 14% e 11% respectivamente no período. O Banrisul teve um aumento de 75% no período e o Banco do Nordeste registrou um aumento de 85%. Quanto a Margem Financeira, os bancos do Grupo 1 e 3 apresentaram variação positiva no período, enquanto os bancos do Grupo 2 apresentaram variação negativa. Novamente não é possível perceber nenhuma tendência de resultados melhores dos bancos mais sustentáveis do Grupo 1, permanecendo, praticamente todo o período, do meio para baixo na questão dos resultados.

Banco do Brasil e Santander, apresentaram crescimento no indicador de 9% e 29%, respectivamente, com um resultado em 2019 de R\$2,20 e R\$3,60 de retorno com operações de intermediação financeira para cada R\$ 100 de investimento total. Enquanto isso, os bancos do Grupo 2 apresentaram queda de quase 28% no Bradesco, e 12% no Itaú Unibanco. Em 2019, o Bradesco obteve R\$ 3,9 reais com intermediação financeira para cada R\$ 100 investido e o Itaú Unibanco obteve R\$ 2,75 de resultado para cada R\$ 100.

Os bancos do Grupo 3 fecharam 2019 com os melhores resultados nesse indicador, sendo que o Banrisul obteve de retorno com intermediação financeira R\$ 5,31 e o Banco do Nordeste R\$ 4,28 para cada R\$ 100 de investimento total. As variações no período foram de 5,25% e 29,68% para Banrisul e Banco do Nordeste respectivamente. O custo de operações de captação no mercado apresentou queda em todos os bancos da amostra. É possível observar uma clara tendência dos custos dos bancos do Grupo 3 serem mais baixos em comparação com os outros dois grupos durante praticamente todo o período, exceto 2019 que os custos do Bradesco são tão baixos quanto.

Banco do Brasil e Santander apresentaram quedas de 30% e 60% respectivamente, terminando 2019 com os custos em 34,91 para o Banco do Brasil e 15,35 para o Santander. Bradesco, com 8,22 em 2019, e Itaú Unibanco com 31,19 apresentaram queda no período de, respectivamente, 63% e 62%. Os custos de captação do Banrisul tiveram queda de cerca de 62% no período e fecharam 2019 em 8,16, enquanto os custos do Banco do Nordeste apresentaram baixa de 34%, com 10,67 em 2019. O índice de retorno médio das operações de crédito apresenta grandes oscilações durante todo o período por parte de todos os bancos da amostra. Apenas o Bradesco, componente do Grupo 2, apresentou quadro de baixa durante na

variação total do período, com queda de cerca de 16%. O Itaú Unibanco, outro banco do Grupo 2, apresentou o segundo maior aumento do período, com cerca de 77%. Os bancos do Grupo 1 apresentaram crescimento no período sendo de 7,22% do Banco do Brasil e quase 40% do Santander.

Já os bancos do Grupo 3 apresentaram aumento de 10% para o Banrisul e quase 80% para o Banco do Nordeste, registrando o maior crescimento nesse indicador. Mais uma vez os bancos dos três grupos aparecem embaralhados e oscilam bastante, sendo impossível atrelar um melhor resultado nesse indicador aos bancos mais sustentáveis.

O índice que expressa a lucratividade dos ativos dos bancos apresenta uma queda generalizada no período e, tirando o Banrisul que apresenta o maior patamar com 11,17 em 2019, todos os outros aparecem com resultados entre 8,48 e 9,80. Banco do Brasil teve queda de 16,53% enquanto Santander teve queda de 12,38%. Bradesco e Itaú Unibanco apresentam quedas de 12,22% e 18,01% respectivamente. Enquanto isso, no Grupo 3, Banrisul apresentou a maior queda com 18,87%, mas se manteve no topo do indicador já que teve o maior pico no período. O Banco do Nordeste teve queda de quase 18% no período.

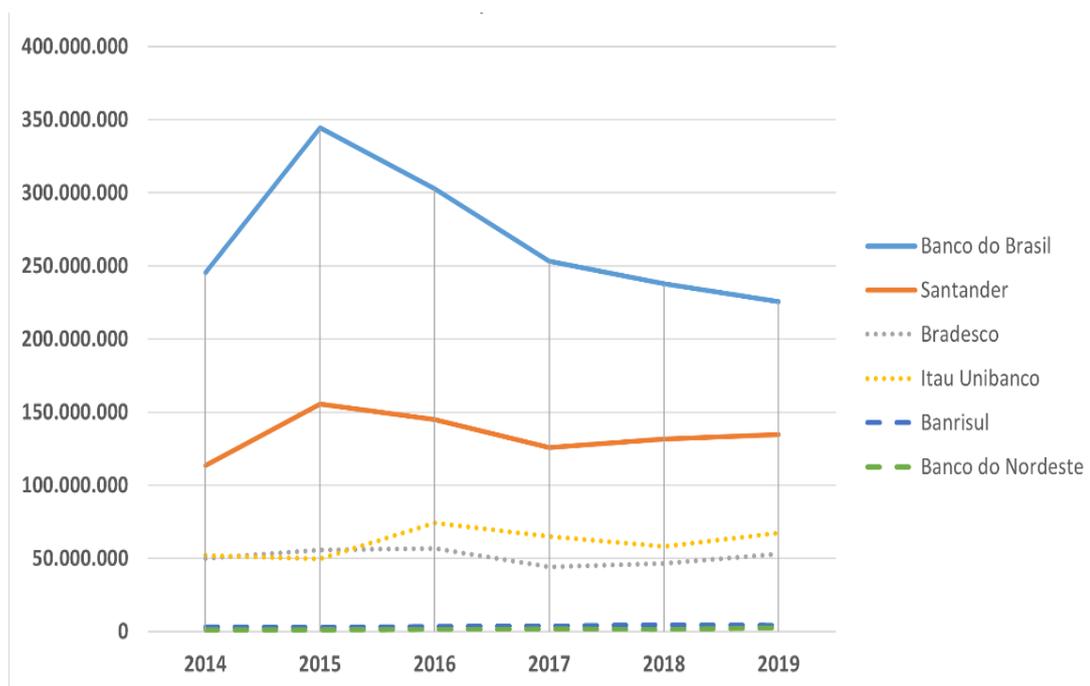
A queda da lucratividade dos ativos se deu em todos os bancos da amostra, no entanto, não é possível identificar tendência de um melhor resultado nos bancos mais sustentáveis, uma vez que as quedas ocorrem em níveis muito parecidos em quase todos os bancos da amostra. Além disso, Banco do Brasil e Santander novamente aparecem durante praticamente todo o período na parte intermediária baixa do gráfico.

O indicador dos juros passivos que representa o custo do financiamento dos bancos apresenta um aumento geral até 2015 e uma posterior queda até o ano de 2019 em todos os bancos exceto Bradesco (Grupo 2), que a elevação dura até 2017 e, após uma queda em 2018, registra um aumento em 2019 sendo o único banco da amostra que registrou aumento durante o período todo. O outro banco do Grupo 2, o Itaú Unibanco registrou uma queda de 23,90% total no período. As maiores quedas foram nos bancos do Grupo 3 com 32,83% de queda no Banrisul e 37,34% de queda no Banco do Nordeste. Enquanto isso os bancos do Grupo 1 também apresentaram queda significativa, 22,63% para o Banco do Brasil e 26,39% para o Santander.

Apesar de um quadro geral de queda em quase todos os bancos da amostra, os mais sustentáveis, do Grupo 1, terminaram com seus patamares mais elevados do que os bancos “não sustentáveis” visto que esses últimos, apesar de no início do período estarem com os juros passivos mais elevados, registraram uma maior queda. Com isso, não é possível assumir que

maior sustentabilidade dos bancos tende a diminuir seus custos de financiamento.

FIGURA 2 – Spread Bancário.



No que diz respeito ao spread bancário, apresentado na figura 2, é possível notar nitidamente a diferença entre os bancos do Grupo 1, 2 e 3 na questão do valor absoluto, isso porque o esse valor está atrelado diretamente ao tamanho dos bancos e volume de recursos, ou seja, de seus ativos totais. Por conta disso, a variação do spread de cada banco se mostra uma medida mais propícia ao propósito desse estudo e, no que diz respeito a ela, os resultados são bem diferentes do qual o simples olhar no gráfico pode apresentar.

Os bancos do Grupo 3 são aqueles que apresentam a maior variação no spread, apresentado na tabela 2, tendo o Banrisul um aumento de 44,10% e o Banco do Nordeste um aumento de 99,02%. Já no Grupo 2 dos bancos do ISE, o aumento é de apenas 6% no Bradesco e de 29,88% no Itaú Unibanco.

Entre os bancos mais sustentáveis, é possível observar uma queda no volume do spread bancário do Banco do Brasil de 8,07% no período, enquanto o Santander apresentou um aumento de 18,67%. Desta forma, não é possível vincular uma trajetória de maior crescimento no volume do spread bancário ao nível de sustentabilidade dos bancos, uma vez que os bancos

“menos sustentáveis” do Grupo 3 foram os responsáveis por uma elevação significativamente maior do que os demais bancos da amostra.

TABELA 2 - Variação no período do *spread* bancário.

GRUPO	BANCO	VAR. PERÍODO
GRUPO 1	BANCO DO BRASIL	-8,07
GRUPO 1	SANTANDER	18,67
GRUPO 2	BRADESCO	6,00
GRUPO 2	ITAÚ UNIBANCO	29,88
GRUPO 3	BANRISUL	44,10
GRUPO 3	BCO DO NORDESTE	99,02

Com a análise comparativa dos indicadores de rentabilidade e lucratividade dos bancos da amostra durante o período de 2014 a 2019, era esperado que pudesse ser visualizado, de maneira geral, um desempenho significativamente superior dos bancos mais sustentáveis. Essa suposição estava apoiada na hipótese de que quanto mais um banco se associa com a sustentabilidade, as práticas responsáveis levariam a mudanças contínuas, que a longo prazo, fariam com que os índices de lucratividade e rentabilidade dos bancos fossem melhores quanto maior seu engajamento com a sustentabilidade.

Portanto, essa hipótese se confirmaria caso os bancos do Grupo 1, que estão entre as empresas mais sustentáveis do mundo, tivessem um resultado significativamente melhor que os bancos do Grupo 2, que possuem certo grau de comprometimento com a sustentabilidade por estarem na carteira de investimento sustentável e deveriam ter um resultado melhor que os bancos do Grupo 3, que teoricamente possuem menos envolvimento com ações sustentáveis.

No entanto, essa confirmação não ocorreu pois não foi observado nenhum indício significativo de que os resultados foram melhores conforme o grau de sustentabilidade dos bancos. Nenhum indicador apontou para uma nítida superioridade dos bancos do Grupo 1 em relação aos demais e do Grupo 2 em relação ao Grupo 3, os resultados foram completamente desordenados nesse sentido. É possível constatar, ao invés disso, alguns indicadores em que os resultados dos bancos “menos sustentáveis” foram expressivamente melhores como o aumento do *spread* bancário e a redução dos juros passivos.

De maneira geral, não é possível evidenciar que um maior engajamento com a sustentabilidade é acompanhado imprescindivelmente por uma performance melhor nos

indicadores de rentabilidade e lucratividade na amostra e no período analisado. Portanto, essa talvez seja uma das mais importantes propriedades a serem compreendidas para empresas que trabalham com a sustentabilidade, de que os retornos não quantificáveis são os mais comuns e os quantificáveis são dotados de uma complexidade para percepção e mensuração que dificulta uma apuração assertiva.

5. CONCLUSÕES

A importância e a necessidade crescente da disseminação das práticas sustentáveis nos mais variados âmbitos se consolidaram como algo fundamental para que o crescimento trilhado seja sustentável, e desta forma, não comprometa a capacidade das futuras gerações satisfazerem suas necessidades. O amadurecimento a respeito dos debates e discussões que cercam essa temática foi notório e evidente desde os anos 1970.

No entanto as “recompensas financeiras” decorrentes da adoção dessas medidas podem ficar em segundo plano. A adesão à essas práticas sustentáveis pressupõe uma consciência e um entendimento da real necessidade para fazê-lo, que é a tentativa de abrandar os estragos e a crítica situação que anos sustentando um intenso padrão de consumo trouxeram ao planeta. Com isso, não seria justo reduzir o propósito da adoção a práticas social e ambientalmente responsáveis por parte de uma empresa somente a tentativa de melhorar os resultados financeiros quando se trata de algo que vai além do crescimento econômico.

Isso porque independente do resultado que a investigação desse trabalho se propõe com relação aos índices de rentabilidade e lucratividade das empresas que, na teoria, são mais ou menos sustentáveis, é preciso tirar o foco da questão apenas econômica e financeira quando se trata da sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BANCO MUNDIAL. **Indicadores do Desenvolvimento Mundial**, 2020. Disponível em <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD>>. Acesso em: 12 de março de 2020.

BELLEN, H. M. **Indicadores de sustentabilidade**. São Paulo: Editora FGV, 2005.

FRIEDMAN, M. (1970) The Social Responsibility of Business Is to Increase Its Profits. **New York Times Magazine**, 13 September 1970, 122-126.

GIL, A, C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HART, S. L. **O capitalismo na encruzilhada**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social, métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

ROMANO, A. L. **Um estudo sobre indicadores de sustentabilidade corporativa**. Dissertação. UNIARA- Centro Universitário de Araraquara. 173 pp, 2010.

RUFINO, M.A; MAZER, L. P; MACHADO, M. R; CAVALCANTE, P. R. Sustentabilidade e performance dos indicadores de rentabilidade e lucratividade: um estudo comparativo entre os bancos integrantes e não integrantes do ISE da BM&FBOVESPA. **Revista Ambiente Contábil** – UFRN – Natal-RN. v. 6. n. 1, p. 1 – 18, jan./jun. 2014.